

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO FALAR BRASILEIRO: APONTAMENTOS ACERCA DA ATUAÇÃO DE FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS

Maria Lidiane de Sousa Pereira¹

RESUMO: *Este trabalho trata da variação na concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural (3PP) no falar brasileiro. Nosso objetivo é observar e discutir a atuação dos fatores linguísticos e sociais que mais têm interferido na realização de um dos fenômenos de variação linguística mais recorrentes no português do Brasil (PB). Para tanto, selecionamos uma série de estudos sobre o fenômeno em tela desenvolvidos com base na Sociolinguística variacionista. A partir disso, observamos os grupos de fatores linguísticos e sociais que mais se destacam quanto à manutenção e/ou queda das marcas de CV com a 3PP. Os resultados deste artigo indicam que fatores linguísticos como saliência fônica, traço humano do sujeito e fatores sociais como sexo, faixa etária e escolaridade exercem forte influência sobre a realização variável da CV com a 3PP em diferentes variedades do PB.*

PALAVRAS-CHAVE: *concordância verbal; fatores linguísticos; fatores sociais.*

ABSTRACT: *This paper deals with the variation in the verbal agreement (VA) with the 3rd person plural (3PP) in the Brazilian's speech. Our aim is to observe and discuss the performance of linguistic and social factors, most of which have interfered in the realization of one of the most recurrent linguistic variation phenomena in the Brazilian Portuguese (PB). In order to do so, we selected a series of studies on the phenomenon on canvas developed based on the Variacionist Sociolinguistics from which we observe the groups of linguistic and social factors that stand out more about the keeping and/or lacking of the marks of CV with the 3PP. The results of this article indicate that linguistic factors such as phonemic protruding, human features of the person and social factors such as sex, age group and education have a strong influence on the variable performance of CV with 3PP in different variations of PB.*

KEYWORDS: *verbal agreement; language factors; social factors.*

Recebido em 19-02-2017
Aceito em 08-04-2017

¹ Mestre em Linguística Aplicada e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

INTRODUÇÃO

O comportamento variável da concordância verbal (CV) com a 3ª do plural (3PP) há mais de três décadas é alvo da observação atenta de estudiosos vinculados a diferentes vertentes teóricas. O grande interesse que percebemos em torno desse fenômeno decorre, ao menos em parte, de dois motivos.

Em primeiro lugar, é fato conhecido que a CV com a 3PP figura como uma regra variável no português brasileiro (PB) em praticamente todas as regiões do país (VIEIRA, 2007). Em segundo, assim como muitos outros fenômenos de variação linguística da nossa língua, o comportamento variável da CV com 3PP suscita uma série de questões que ultrapassam os limites da língua enquanto sistema, convergindo para o âmbito do social. Isso naturalmente indica que as fronteiras entre língua e sociedade são, sem sombra de dúvidas, bastante estreitas.

Desse modo, o emprego das marcas de CV que, ora são preservadas (mas já tive **colegas** que **morreram** de acidente), ora não (por que o progresso vai chegando e **as coisa vai** mudando, né?)² no falar³ dos brasileiros, é um dos fenômenos usados para sinalizar a existência de variantes prestigiadas e des prestigiadas (LUCCHESI, 2009; BAGNO, 2010). Entre as primeiras, são postas as formas que mais se aproximam do modelo de língua padronizado imposto pela tradição gramatical e frequentemente associado à linguagem de indivíduos situados em esferas sociais mais favorecidas. Já entre as segundas, agregam-se as formas que se distanciam do padrão normativo, comumente associadas ao comportamento linguístico de sujeitos postos em escalas sociais mais baixas.

² Ocorrências retiradas de Araújo (2014, p. 212, negrito nosso).

³ Embora estejamos discutindo a variação na CV com a 3PP na linguagem falada, é importante lembrar que ocorrências do referido fenômeno também são observadas na linguagem escrita (GAMEIRO, 2009; ALMEIDA, 2010; MOTTA, 2011; ALMEIDA; ANTONINO 2011).

Importante salientar que não há nada de intrínseco às variantes não padronizadas capaz de qualificá-las como inferiores às demais. O que há, na verdade, é uma teia extremamente complexa de relações sociais nas quais se evidenciam tensões de poder refletidas nas línguas, pois, como bem nos diz Gnerre (1985, p.4, aspas no original), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Tais confrontos, não raro, são levados para o âmbito escolar por meio da valoração de um modelo de língua padronizado que ainda tende a prevalecer em nossas escolas com a adoção das gramáticas normativas. Para tais compêndios, existe apenas um modelo de língua correto, cabendo aos indivíduos que chegam até nossas salas de aulas se apossarem dele da forma como podem (CAMACHO, 2012).

Assim, acreditamos que é de suma importância que os professores da disciplina de língua portuguesa estejam atentos para as regularidades quanto ao funcionamento das variantes desprestigiadas socialmente, o que pode ser alcançado, acreditamos, através da apreciação de trabalhos de cunho descritivo sobre os fenômenos de variação. Em nosso caso específico, o de CV com a 3PP. Esse conhecimento não só pode tornar o trabalho com os mecanismos da língua mais produtivo, como também se torna um forte aliado no combate a estigmas linguísticos, pois “o problema do preconceito linguístico disseminado na escola em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (BRASIL, 1997, p.26).

Tendo como pano de fundo esse cenário, revemos, neste artigo, alguns dos fatores linguísticos e sociais que atuam sobre o comportamento variável da CV com a 3PP no falar brasileiro. Para tanto, fomos guiados por resultados obtidos em pesquisas realizadas à luz da Sociolinguística

variacionista (LABOV, 2008). Nossa opção por pautar este estudo em resultados obtidos em pesquisas vinculadas a essa vertente justifica-se pelo fato de que com elas é possível obter uma visão mais apurada acerca dos mecanismos que regulam tal fenômeno. Assim, mostramos, por meio de dados numéricos, que a ausência e/ou presença da CV não acontece de forma aleatória na linguagem real dos brasileiros. Além disso, compartilhamos a ideia de Silva (2015, p. 144) ao afirmar que “o papel da Sociolinguística consiste não apenas em promover a tolerância à variação, mas levar à compreensão de seus mecanismos”.

A respeito da seleção dos trabalhos comentados neste artigo, frisamos que sua escolha se deu com base em três critérios: (i) o estudo deveria ter como aporte teórico-metodológico os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008); (ii) o trabalho deveria ter sido realizado com base na fala de sujeitos devidamente situados em suas respectivas comunidades de fala e (iii) demos preferência aos estudos desenvolvidos na última década em diferentes regiões como os de Anjos (1999), Sgarbi (2005), Rubio (2008), Monguilhott (2009), dentre outros.

Este artigo contém quatro partes com esta *introdução* e nossas *considerações finais*. Na seção intitulada *Atuação dos fatores linguísticos*, apresentamos alguns dos principais achados de pesquisas sociovariacionistas desenvolvidas, com base em dados de linguagem em uso, acerca da influência de fatores linguísticos sobre variação na CV com a 3PP, em diferentes variedades do PB. Na sequência, apresentamos na seção *Atuação de fatores sociais*, alguns resultados alcançados para a influência de fatores sociais sobre a realização do fenômeno em discussão.

ATUAÇÃO DE FATORES LINGUÍSTICOS

Dentre os fatores de natureza linguística que frequentemente se mostram relevantes para a variação na CV com a 3PP, destacamos a *saliência fônica*. Desde que começou a ser testada, essa variável tem se mostrado bastante produtiva para a observação do fenômeno em tela. Em linhas gerais, o princípio de saliência fônica compreende os graus de diferenciação entre as formas verbais no singular e plural. Assim, assume-se que formas como *é/são* apresentam um alto grau de diferenciação, já que, na passagem do singular para plural, essa forma verbal sofre mudanças extremamente notórias. Em contrapartida, temos um grau significativamente menor de saliência em formas como *consegue/conseguem*. Nestas, não há mudança na qualidade dos verbos em sua forma plural. Ao testarem a saliência fônica, os estudiosos geralmente assumem que “as formas mais salientes e, por isto, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989, p.301).

Partindo desse pressuposto, Monguilhott (2009), que estudou a variação na CV com a 3PP com base em dados coletados no falar de Florianópolis – SC, testou a atuação da variável saliência fônica. Para tanto, a autora dividiu os fatores que compõem a referida variável em dois grandes níveis: *oposição não-acentuada* e *oposição acentuada*, atendendo, assim, a proposta inicial de Naro (1981, p.74, tradução nossa, maiúsculas no original), segundo a qual “o primeiro nível contém aqueles pares nos quais os segmentos fonéticos que realizam a oposição são NÃO-ACENTUADOS em ambos os membros. O segundo nível contém aqueles pares nos quais esses segmentos são ACENTUADOS em pelo menos um membro”⁴

⁴ No original: “The first level contains those pairs in which the phonetic segments that realize the opposition are UNSTRESSED in both members, the second level contains those pairs in which these segments are STRESSED in at least one member of the opposition” (NARO, 1981, p.74, maiúsculas no original).

Desse modo, no primeiro nível, foram postas as formas tidas como menos salientes e que, portanto, tendem a não favorecer o uso da variante com marcas de CV. Já, no segundo nível, foram postas as formas que apresentam graus de saliência mais elevados e para as quais eram esperados índices mais altos de CV.

As análises de Monguilhott (2009) apresentaram os seguintes índices de frequência e pesos relativos⁵, em função da variante com marcas de CV, para formas menos salientes: *formas sem mudança na qualidade da vogal temática* (21% e PR. 0.04)⁶; *formas que envolvem mudanças na qualidade da vogal temática* (84% e PR. 0.50); *formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural* (94% PR. 0.74).

Esses resultados indicam que, no nível das formas menos salientes, apenas o fator *formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural* (0.74) favoreceu a manutenção de CV. Enquanto que o fator *formas sem mudança na qualidade da vogal temática* se mostrou muito desfavorável ao uso da mesma regra (PR. 0.04) e o fator *formas que envolvem mudanças na qualidade da vogal temática* (PR 0.50) se mostrou neutro (MONGUILHOTT, 2009, p. 118-119).

No nível dois (formas mais salientes), foram atingidos os seguintes resultados para os fatores que o compõem: *formas que envolvem apenas mudança da qualidade da vogal temática* (83% e PR. 0.48); *formas que envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* (94% e PR. 0.74); *formas que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (92% e PR. 0.69).

⁵ Em termos simples, é denominado de peso relativo à indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50, e como neutro se for igual a 0.50. Já para uma variável ternária, ou seja, com três variantes, o ponto neutro é 0.33, com quatro é 0.25 e com cinco variantes, o ponto neutro é entendido como 0.20 (NARO, 2012). Maiores considerações acerca da leitura dos pesos relativos serão feitas no capítulo dedicado a nossa metodologia.

⁶ Os valores representam a percentual de uso (%) e o peso relativo (PR) dos fatores em análise.

De acordo com esses resultados, os fatores do nível dois: *formas que envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* (PR. 0.74) e *formas que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (PR. 0.69) favorecem a CV com a 3PP, no falar de Florianópolis – SC. Em sentido oposto, o fator *formas que envolvem apenas mudança da qualidade da vogal temática* (PR. 0.48), também do nível dois, não atuou de modo favorável ao uso da mesma regra (MONGUILHOTT, 2009, p. 118-119).

Assim como a saliência fônica, a variável *traço semântico do sujeito* também tem se mostrado bastante produtiva para a observação da variação na CV com a 3PP. Essa variável, por vezes, recebe denominações distintas como *animacidade*, *traço humano no sujeito* e *categorização semântica do sujeito*. E, dentre os estudiosos que já a observaram, vale mencionar Graciosa (1991), Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009), Pereira (2004), Oliveira (2005), Sgarb (2006), Rubio (2008), dentre outros.

Com os grupos de fatores dessa variável, procura-se medir, em geral, a atuação do traço [+humano] e [-humano], como em Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009) e Pereira (2004), sobre a manutenção de CV *versus* a ausência de CV com a 3PP. Para melhor perceber o que estamos comentando, observemos as ocorrências abaixo, retiradas de Monguilhott (2009, p. 100, grifos no original)⁷:

Traço [+ humano]:

Eles não trabalham com isso.

Traço [-humano]:

Ainda **existe terras mais pequeninhas** aqui dentro do Conselho.

⁷ Ressaltamos que o uso (ou não) de negrito, maiúsculas, itálico nas ocorrências do fenômeno em discussão, foi feito conforme o estudo original.

A premissa que frequentemente é levantada para esse grupo de fatores é a de que o traço [+humano] do sujeito tende a favorecer o uso da CV, ao passo que o traço [-humano] tende a não favorecer a CV. Essa hipótese foi sustentada pelos estudiosos que referimos acima e confirmada em praticamente todos eles. Em Monguilhott (2009), por exemplo, construções com sujeito apresentando traço [+humano] atingiram 83% de frequência e PR a 0.56 para o uso da CV. Por outro lado, as formas com traço [-humano] inibiram a manutenção de CV, com 55% de frequência e peso relativo igual a 0.12.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Pereira (2004) também mediu a influência da variável *traço humano do sujeito*. Seu estudo foi realizado com base em dados coletados na fala de idosos residentes em zonas rurais dos estados de São Paulo – SP e Minas Gerais – MG, na área correspondente às Trilhas das Bandeiras Paulistas. Assim, Pereira (2004) constatou que o traço [+humano], com 25% de frequência e 0.59, favorece o uso da CV, enquanto que o traço [-humano], que atingiu apenas 7% de frequência e PR igual a 0.24, não se mostrou aliado ao uso da CV.

Ao lado das variáveis *saliência fônica* e *traço humano* do sujeito, a atuação da variável *posição e distância entre verbo-sujeito* também merece destaque. Como o próprio nome sugere, com os grupos de fatores que compõem a referida variável, busca-se observar a influência da *posição*, bem como da *distância* entre verbo-sujeito sobre a manutenção (ou não) da CV com a 3PP.

No que tange à distância, defende-se que quanto mais próximos estiverem verbo-sujeito, maiores as chances das marcas de CV serem preservadas. Em sentido contrário, quanto maior a distância entre eles, maiores as chances de as marcas de CV não serem mantidas. Essa premissa tem sido sustentada e confirmada em muitos estudos sobre o fenômeno

(ANJOS, 1999; MONGILHOTT, 2001, 2009; PEREIRA, 2004; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006).

No trabalho realizado por Sgarbi (2006), sobre a variação na CV com a 3PP nos falares de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, a partir de dados retirados do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS*, por exemplo, a autora verificou que, de fato, a ausência de material fônico (em termos de sílabas) entre verbo-sujeito – o que faz com que estejam muito próximos – favorece o uso da variante com marcas de CV. Desse modo, construções do tipo: Os motorista dizem que na chuva...⁸ se mostraram favoráveis ao uso da CV. Assim, no estudo de Sgarbi (2006), construções com verbo-sujeito muito próximos (sem material fônico entre eles) atingiram frequência de uso igual a 50% e peso relativo de 0.60. Por outro lado, construções com 1 ou 2 materiais entre sujeito-verbo, como em: Eles já moraram numa fazenda – consideradas longe – não impulsionaram o uso da CV, com 40% de frequência e 0.48 de peso relativo. De igual modo, construções com três ou mais sílabas entre verbo-sujeito, como em: As meninas lá da vila come bastante⁹, atingiram 47% de frequência e PR de apenas 0.24, mostrando-se também não aliadas ao uso da CV.

Ao observarmos os pesos relativos atingidos para os fatores que compõem a variável distância entre sujeito-verbo no estudo de Sgarbi (2006), percebemos uma clara progressão na diminuição do uso da CV na medida em que aumenta a distância entre verbo-sujeito.

No que tange à *posição do sujeito em relação ao verbo*, é sabido que nossa língua permite duas posições para a colocação do (SN) sujeito, isto é, *anteposição* e *posposição*. A premissa que vem sendo sustentada, por meio da observação de dados empíricos, para esse fator é a de que o sujeito

⁸ Ilustração retirada de Sgarbi (2006, p. 91).

⁹ Ilustração retiradas de Sgarbi (2006, p. 91).

anteposto exerce pressão favorável ao uso da CV, ao passo que o *sujeito posposto* tende a não favorecer o uso da variante com marcas de CV.

Dentre os estudos que comprovam tais hipóteses, vale mencionar os resultados obtidos por Monguilhott (2009), ao testar a atuação da variável *posição do sujeito em relação ao verbo*. Em conformidade com o que a autora esperava, os resultados indicaram que *o sujeito anteposto ao verbo* favorece o uso da CV, com 84% de frequência e 0.57 de PR. Por outro lado, *o sujeito posposto* – também confirmando a hipótese da estudiosa – não favoreceu o uso da CV, com frequência de 34% e PR igual a 0.08.

Uma das explicações para esse fato mais difundidas entre os estudiosos é a de que “[...] o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença” (MOGUILHOTT, 2009, p. 126).

ATUAÇÃO DE FATORES SOCIAIS

Assim como uma série de fatores linguísticos, variáveis como o *sexo*, *faixa etária* e *escolarização*, ou seja, fatores inerentes ao perfil social dos falantes, também figuram como elementos importantes para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística. Isso porque dentro das sociedades organizadas, os sujeitos estabelecem entre si complexas relações nas quais desempenham papéis e são colocados em escalas sociais distintas, o que nos leva a crer que tais diferenciações também irão se refletir ou ‘pressionar’ o modo como eles usam a língua.

A respeito da atuação da variável *sexo* sobre a variação na CV com a 3PP, vemos que diversos estudiosos do fenômeno buscaram verificar como, e em que medidas, mulheres e homens se comportam frente ao fenômeno em foco. Assim, no já citado estudo sobre a variação na CV com a 3PP, nos

falares de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, Sgarbi (2006) testou a influência do fator *sexo*¹⁰ sobre a variação na CV com a 3PP, pressupondo que a variante com marcas de CV tende a ser usada mais por mulheres do que a variante sem marcas de CV.

As análises realizadas por Sgarbi (2006) indicaram que, de fato, as mulheres da amostra de fala estudada se mostraram bem mais sensíveis ao uso da variante com marcas de CV do que os homens, pois, para as informantes do sexo feminino, o percentual de uso da variante com marcas de CV foi igual a 74% e PR de 0.75, enquanto que os homens atingiram 28% das ocorrências, equivalente a 0.30 de PR, não se mostrando, assim, favoráveis ao uso da variante com marcas de CV.

Assim como a variável *sexo*, a *faixa etária* também figura como importante item para a observação da atuação de fatores ligados ao perfil social dos falantes sobre fenômenos de variação e mudança linguística. Afinal, não é difícil perceber que quanto maior for a diferença entre as faixas etárias dos falantes, maior a tendência de eles apresentarem traços distintivos em seus comportamentos linguísticos, ou seja, “quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontramos diferenças na forma de falar de duas pessoas” (CHAGAS, 2014, p. 141).

Através da faixa etária, os sociovariacionistas têm buscado observar também as possíveis direções tomadas por fenômenos de variação e mudança, visto que, com base nessa variável social, é possível identificar para os fenômenos de variação e mudança “duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – ou a existência de mudanças na língua” (SILVA; PAIVA, 1996, p. 350).

De acordo com Eckert (1997), o aumento da idade tende a gerar um maior conservadorismo quanto ao uso das formas variantes. Com isso,

¹⁰ A autora faz uso apenas do termo *sexo*.

falantes mais velhos tendem a usar, com menor frequência, variantes tidas como não-padrão ou inovadoras, mostrando-se, assim, mais resistentes à mudança. Em sentido contrário, falantes mais jovens aparentam ser mais sensíveis ao uso de formas inovadoras e, portanto, mais receptíveis aos processos de variação e mudança linguística.

Contudo, para o fenômeno de variação na CV com a 3PP, a *faixa etária* tem se revelado um ponto da estratificação social dos falantes para a observação da CV com a 3PP. Assim, estudos como o de Anjos (1999), sobre o falar de João Pessoa – PA, indicam que falantes com 15-25 anos favorecem a manutenção da CV (64% e PR. 0.57). Por outro lado, falantes com 26-49 anos (46% e 0.42), bem como informantes com mais de 50 anos (52% e PR. 0.49) não se mostraram propensos ao uso da variante com marcas de CV e, portanto, tida como conservadora.

Ainda sobre a atuação da *faixa etária* sobre o comportamento variável da CV com a 3PP, também é interessante observar os resultados obtidos por Monguilhott (2009) para a fala de Florianópolis – SC. Em seu estudo, a autora dividiu os falantes, segundo a faixa etária em quatro grupos: falantes jovens/ ensino fundamental; falantes jovens/ensino superior; falantes velhos/ ensino fundamental e falantes velhos/ ensino superior.

Em Monguilhott (2009), as análises apontaram que falantes jovens/ensino fundamental realizaram a CV quase que sem notáveis distinções do comportamento de falantes velhos/ensino fundamental. Para os primeiros, a frequência de uso para a variante com marcas de CV é de 72% e PR igual a 0.32. Já, para os segundos, os índices de CV atingiram 67% e PR de 0.28. Nos grupos dos falantes jovens/ensino superior e velhos/ensino superior, os índices, em termos de percentagens, mostraram-se praticamente os mesmos, com 89% de CV, para os jovens/ensino superior e 88%, para os velhos/ensino superior. Já os resultados para os pesos relativos foram bem

mais diferenciados, pois os falantes jovens/ensino superior atingiram 0.74 de PR, enquanto que os falantes velhos/ensino superior atingiram 0.54 de PR.

Com isso, vemos que, ao contrário do esperado por Monguilhott (2009), os falantes mais jovens, tanto com ensino superior quanto com fundamental, mostraram-se mais conservadores, sendo os falantes jovens/ensino superior os grandes favorecedores da CV.

Desse modo, percebemos que assim como o *sexo* e a *faixa etária*, a *escolarização* dos falantes também vem desempenhando papel importante sobre a variação na CV com a 3PP no falar brasileiro. A esse respeito, parece consenso, dentre os estudiosos, a ideia de que a escola tende a moldar o comportamento dos indivíduos que a frequentam, aproximando-o cada vez do padrão normativo. No caso da ausência de CV com a 3PP, sabemos que esse “é um dos tópicos gramaticais que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais se empenham em corrigir nos seus alunos” (MONTE, 2007, p.13). Tais esforços vêm sendo revelados nos resultados obtidos por muitos estudos sobre o fenômeno em tela, a exemplo da pesquisa de Monguilhott (2009), comentada anteriormente. De acordo com os resultados obtidos pela estudiosa, quanto mais altos os níveis de escolaridade possuídos pelos falantes, maiores os índices de preservação da CV.

Para assegurar ainda mais o que estamos discutindo acerca do papel da variável *escolaridade*, observemos também os resultados obtidos para a escolaridade no estudo de Anjos (1990) e Monte (2007) para a variação na CV com a 3PP. A pesquisa de Anjos (1999) trata do falar de João Pessoa – PB, com dados extraídos do *Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba – VALPB* (HORA, 1993). Os informantes de sua pesquisa foram estratificados, segundo a escolarização, em: nível I (sem escolaridade); II (primeiro ciclo do Ensino Fundamental); III (Fundamental completo); IV

(Ensino Médio) e V (Ensino Superior). No referido estudo, a escolarização foi o primeiro fator apontado como relevante.

Os resultados obtidos por Anjos (1999) indicam que falantes sem escolarização formal desfavorecem o uso da CV com a 3PP (30% PR. 0.26). Para o segundo grupo, a percentagem, em função do uso da mesma variante, foi de 35% com PR de 0.34, o que também indica que esse grupo não favorece o uso da regra em estudo por Anjos (1999). Nos terceiro e quarto níveis, os percentuais para a aplicação da regra de CV foram de 55% e 68% e pesos 0.50 e 0.63, respectivamente. Enquanto que os índices de uso para a queda das marcas de CV atingidos por falantes do quinto grupo foram de 74% e PR de 0.69.

Tais resultados indicam, portanto, que são os falantes com ensino médio (PR.0.63) e superior (PR. 0.69) que favorecem o uso da CV na amostra de Anjos (1999). Além disso, é possível perceber uma tendência quanto ao emprego da CV em função da variável escolaridade na comunidade de fala de João Pessoa - PB. Ou seja, quanto mais anos de escolaridade o falante possuir, maiores as chances de ele fazer uso da forma apontada como padrão pela tradição escolar. Em sentido oposto, um menor contato com o ambiente escolar tende a desfavorecer a manutenção da forma consagrada pela escola. E, embora o grupo dos informantes com o ensino fundamental completo tenha se mostrado neutro com PR de 0.50 diante do uso da CV, os resultados de Anjos (1999) apontam uma clara gradação no aumento da variante com marcas de CV em conformidade com o aumento dos anos de escolaridade dos falantes.

Em Monte (2007), o fenômeno de variação na CV com a 3PP foi observado em uma comunidade periférica de São Carlos – SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso. Seus informantes eram homens e mulheres da comunidade que

possuíam *escolaridade nula* ou cursavam o *ensino fundamental pelo EJA* além de serem oriundos das regiões Norte e Sul/Sudeste da localidade em estudo. A variável escolaridade apontou que os falantes não escolarizados tendem a não favorecer o uso da CV (19% e PR de 0.40). Por outro lado, os falantes escolarizados pelo EJA (31% e PR igual a 0.60) mostraram-se aliados ao uso da CV. Para o estudioso, tais resultados indicam que “a escolarização, mesmo supletiva, influencia o fenômeno variável de concordância verbal” (MONTE, 2007, p. 98).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, discutimos, ainda que brevemente, alguns dos principais fatores linguísticos e sociais que condicionam a ausência e/ou presença de CV com a 3PP no PB. Nossas discussões foram formuladas com base em achados de estudos sociovariacionistas para a atuação de fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno em tela, tais como as pesquisas de Anjos (1999), Pereira (2005), Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Monte (2007), Monguilhott (2009).

A partir disso, vimos que, dentre os fatores linguísticos a *saliência fônica*, o *traço semântico do sujeito* e a *posição do sujeito em relação ao verbo* são algumas das variáveis que mais atuam sobre a variação na CV com a 3PP, de modo a favorecer a manutenção/cancelamento das marcas de CV.

Dentre os fatores sociais, constatamos que o *sexo*, a *faixa etária* e a *escolaridade* são variáveis sociais que também interferem na manutenção (ou não) da CV com a 3PP. Com isso, constatamos que, de fato, a presença e/ou ausência de CV com a 3PP não acontece de modo aleatório e sem regularidade, mas sim sob o condicionamento de fatores, tanto de natureza linguística como social em diferentes variedades de fala do PB. Desse modo,

esse fenômeno de variação linguística não pode ser fruto do descaço ou deficiência dos falantes ao usarem sua língua materna, mas sim, resulta da influência de fatores linguísticos e sociais.

Acreditamos que o conhecimento desses fatores pode contribuir positivamente para o rompimento de falsas ideias acerca dos fenômenos de variação linguística, como por exemplo, o mal intencionado discurso da deficiência e inferioridade linguística que tanto alimenta o fenômeno do ‘preconceito linguístico’. Esse fenômeno, por sua vez, para mais nada pode servir além da inferiorização e exclusão social por meio de diferenças linguísticas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. S. de F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. 2014, 342f. Tese (Doutorado em Linguística e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras – Salvador, 2014. Disponível em:

<http://www.ppglinc.letas.ufba.br/sites/ppglinc.letas.ufba.br/files/TESE%20VERS%C3%83O%20FINAL%20Silvana%20Silva%20de%20Farias%20Araujo.pdf>. Acesso em 31, mar. 2017.

ALMEIDA, E. M. **Uso e norma: variação da concordância verbal em redações escolares**. 2010, 206f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/posverna/doutorado/AlmeidaEM.pdf>. Acesso em: 31 fev. 2017.

ALMEIDA, G.; ANTONINO, V. A concordância verbal de terceira pessoa do plural em produções escritas de estudantes universitários. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, 2011, p. 329-350. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/201>. Acesso em: 13 jun. 2016.

ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999, 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Disponível em: http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord>. Acesso em: 16 Jan. 2017.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 3 ed. Parábola Editora: São Paulo, 2010.

BRASIL, M. da E. e do D. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série. Brasília-DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística** vol. I: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 51-83.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p.141-163.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: **Language variation and change**, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 245-267. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2015.

GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio**: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. 2009, 222f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/103548?locale-attribute=en>. Acesso em: 23 dez. 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fonte, 1985.

GRACIOSA, D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991, 181f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. Introdução. In: LUCHESSI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.9-11.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9>. Acesso em: 12 abr. 2016.

_____. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB.** 2009, 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação:** uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2007. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES>. Acesso em: 02 fev. 2017.

MOTTA, M. F. de. **O fenômeno variável da concordância verbal em redações da EJA: uma abordagem sociolinguística.** 2011, 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/marise-ferreira.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2017.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language:** LSA, v. 57, n. 1, 1981, p.63-98. Disponível em:
<http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 nov. 2016.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista:** o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 15-25.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas.** 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022013-120141/pt-br.php>>. Acesso em 14 fev.2017.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo.** 2008, 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em:
<<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/175432?mode=full>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas, Pontes, 1989, p. 33-47.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996, p. 335-378.**

SILVA, T. B. da. Estamos formando professores que conhecem a variação linguística? Uma análise acerca da importância dos dados e das teorias para o ensino de língua. **Letras e Letras**, Uberlândia. v. 31, n. 2, p. 144-156, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31470/17645>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

VIEIRA, S. R. Concordância Verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p.85-140.